

## **Jornalismo científico na televisão: entre reprises e espetacularização<sup>1</sup>**

Maria de Lurdes Welter PEREIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo faz uma reflexão sobre o jornalismo científico na televisão, a partir do estudo empírico de dois programas que divulgam pesquisas científicas: um de TV aberta, o *Como Será?* da Rede Globo e outro de emissora universitária, o *Scientia* da Universidade Federal do Paraná. Avalia-se em que medida estes programas praticam a divulgação científica e em que proporção se aproximam do entretenimento na forma de apresentar as notícias relacionadas com o jornalismo científico (SODRÉ, 2001). Também trata da importância das formas culturais na produção dos conteúdos televisivos (WILLIAMS, 2011). Entre os resultados foi constatado um excessivo número de reprises na emissora universitária. Na TV aberta, observou-se que a divulgação científica constitui uma forma de unir informação ao entretenimento.

**Palavras-chave:** Jornalismo Científico; Telejornalismo; Divulgação Científica; Televisão.

### **Introdução**

A popularização da *Internet* e a expansão das mídias sociais têm levado a televisão a acelerar o processo de busca por novos formatos e maneiras de contar histórias, procurando lançar um outro olhar sobre os acontecimentos, sejam eles de jornalismo, entretenimento, ficção ou dramaturgia. Principalmente na TV aberta, as produções buscam uma linguagem mais coloquial e popular e, assim, as emissoras procuram deixar os noticiários e os programas em geral mais próximos da audiência. Entretanto, apesar da democratização dos programas, constata-se que a divulgação de assuntos envolvendo pesquisas científicas ainda ocorre de forma esporádica nas emissoras comerciais.

Nos noticiários diários, apenas temáticas espetaculares, que abordam resultados considerados inovadores pelos jornalistas, em grande parte das vezes com textos distribuídos por agências de notícias internacionais ganham espaço e, nestes casos, os assuntos geralmente são tratados com superficialidade, informando apenas o básico, sem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP de Telejornalismo no 40º Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Curitiba, de 04 a 09 de setembro de 2017.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2016), na área de concentração em Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais, jornalista da Universidade Federal do Paraná e editora da RPC nos últimos 39 anos. E-mail: lurdes@ufpr.br.

que haja um aprofundamento sobre os métodos, benefícios e as especificações de tais descobertas. Nota-se assim que, além de divulgar pesquisas apenas eventualmente, a maneira de trabalhar os assuntos científicos no telejornal é praticamente estável, tendo em vista que já na década de 1990 a pesquisadora Cremilda Medina já se referia à ausência de profundidade nas reportagens de cunho científico. E assinalava que “o profissional tende a ser parcial, limitado e acaba atuando como um técnico de produção de sentidos reducionistas, ingênuos e desenraizados” (MEDINA, 1990, p. 83-93).

Anos depois, em 2003, Ada Cristina da Silveira, ao questionar a falta de espaço para a ciência nos veículos jornalísticos, afirmava que “os fatos científicos são apresentados de forma isolada, como se acontecessem independentemente de decisões políticas e não afetassem a sociedade” (SILVEIRA, 2003, p. 135). Também neste sentido, o divulgador científico e professor universitário Wilson da Costa Bueno, durante uma entrevista em 2008, afirmava que com algumas exceções, “os jornalistas científicos não investigam nem confrontam ideias, se limitando a reproduzir informações”. Para Bueno, o jornalista “não tem contextualizado, nem discutido o impacto do progresso técnico sobre a sociedade. Ele tem sido burocrático, omissos e não tem cumprido sua função para a alfabetização científica” (BUENO, 2008).

Outro depoimento sobre esta questão é do médico cardiologista e jornalista, Júlio Abramczyk, um dos pioneiros na reportagem científica do país, tendo trabalhado por cinco décadas no jornal ‘Folha de S. Paulo’. Ele afirma que o fundamental “é informar sem deformar e quando possível, interpretar” (ABRAMCZYK, 2012, p. 242). Para o jornalista, “o predomínio na América Latina é o do jornalismo informativo em relação ao de opinião ou crítico”, entendendo que tal conduta ocorre em função da centralização da informação científica feita e distribuída por agências governamentais (ABRAMCZYK, 2012, p. 272). Já Luisa Massarani (2004) detalha o que deve ser levado em conta na divulgação científica tomando como exemplo o cultivo de alimentos geneticamente modificados. Para a jornalista, não basta explicar os aspectos científicos relacionados ao tema, mas é necessário incluir questões legais, morais, éticas, aspectos culturais, os riscos para a saúde e para o meio ambiente, além dos aspectos econômicos, as incertezas e controvérsias (MASSARANI *et al*, 2004, p. 12).

Uma das alternativas ao longo da história da televisão tem sido a criação de programas específicos para divulgar pesquisas, em grande parte das vezes adotando o formato documentário; porém, em muitos casos, as emissoras destinam os horários de

baixa audiência a estas produções, o que faz com que sejam pouco atraentes para os anunciantes, como destaca Warren Burkett (1990), mas servem para completar a grade de programação. Com isso, “as empresas querem passar a imagem que estão contemplando a divulgação de ciência e, ao mesmo tempo, interessadas no desenvolvimento científico e tecnológico” (BURKETT, 1990, p. 214).

Partindo do princípio que a TV, nos tempos atuais, se utiliza de uma narrativa cada vez mais espetacularizada, pretende-se avaliar neste artigo em que medida os programas que veiculam assuntos de jornalismo científico de fato realizam a divulgação científica e como o jornalismo vem aproximando as notícias de ciência do entretenimento. Desta forma foram observadas 17 edições do programa *Scientia*<sup>3</sup>, documentário da Universidade Federal do Paraná, veiculado em canal a cabo e 15 programas do *Como Será?*<sup>4</sup>, revista eletrônica da Rede Globo, por trabalharem com assuntos de divulgação científica.

### **A importância do Jornalismo Científico**

Diversos teóricos tratam da importância do jornalismo científico, seja em divulgação impressa, *on-line*, radiofônica ou na televisão e, também, avaliam os desafios que este tipo de divulgação impõe ao jornalista. Segundo Wilson da Costa Bueno, pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo, “jornalismo científico é contribuição fundamental para a democratização do conhecimento” (BUENO, 2002, p. 53).

Em 1984, Hernando já delimitava três funções para o divulgador de ciência: informar, comunicando ao público de modo inteligente, os avanços da ciência e da tecnologia; ensinar, porque o jornalismo científico contribui para saciar a fome de conhecimentos da humanidade; e, por último, sensibilizar a sociedade sobre os grandes fenômenos do nosso tempo (HERNANDO, 1984, p. 80).

Bueno (1985) acrescenta a estas mais três: as funções cultural, econômica e político ideológica (BUENO, 1985, p. 1424), sendo que a econômica diz respeito à

---

<sup>3</sup> *Scientia*: documentário semanal de 30 minutos, produzido pela emissora de TV da UFPR que é veiculado às segundas-feiras às 21h00. [Pode ser sintonizado pelos](#) canais 15 da NET e 187 da Vivo TV. Também pode ser visualizado em tempo real pela Internet no Portal da UFPR (UFPR TV, 2017).

<sup>4</sup> *Como Será?* Programa semanal da Rede Globo levado ao ar aos sábados, a partir de 09/08/2014, em substituição ao *Globo Cidadania*, do qual o Globo Ciência fazia parte. É reprisado na Globo News e no Canal Futura, aos domingos, às 06h15min e às 15h00, respectivamente (COMO SERÁ? 2017).

transferência de tecnologia ao setor produtivo; a cultural, no sentido de que o jornalismo científico deve trabalhar pela preservação da cultura nacional; e a função político-ideológica seria a soma de todas as funções; informativa, educativa, social, cultural e econômica (BUENO, 1985, p. 1426). Na televisão, as primeiras ações para divulgar ciência em programas específicos remetem à década de 1970. Uma dessas iniciativas foi o programa *Nossa Ciência*, que entrou no ar em outubro de 1979 pela TV Educativa do Rio de Janeiro, em horário nobre, porém sua veiculação durou apenas 10 edições. Em um levantamento realizado em diversos sítios das emissoras comerciais e educativas foi possível contabilizar 19 programas de divulgação científica, sendo que a maior parte deixou de ser produzida nos últimos anos.

### **Interesse do público**

Se as emissoras encontram dificuldades ou relutam em manter programas específicos para divulgar ciência, o público demonstra ter interesse pelo assunto. Deve-se observar que a pesquisa sobre a ‘Percepção Pública da Ciência no Brasil’, realizada pelo ‘Centro de Gestão e Estudos Estratégicos’ do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (2015), mostrou que 61% dos 1962 entrevistados, em cinco regiões do País, gostam de informações sobre ciência e tecnologia. O percentual ficou acima dos países que realizaram estudo semelhante, a exemplo da União Europeia, onde o índice ficou em 53% (MCTI, 2015).

Nesta sondagem, os entrevistados também foram inqueridos a responder se lembravam de alguma instituição que se dedicasse à pesquisa científica no País e 87% afirmaram que não lembravam, enquanto que só 13% responderam se lembrar de uma instituição que trabalhasse com pesquisa (MCTI, 2015). Quanto ao baixo conhecimento público sobre as pesquisas realizadas no país, o sociólogo Mariano Laplane, do ‘Centro de Gestão e Estudos Estratégicos’ (CGEE), em entrevista ao ‘Portal de Notícias’ do MCTI, se mostrou preocupado sobre o papel da mídia no processo de popularização da ciência ao declarar que “os cadernos sobre ciência e tecnologia estão cada vez menores ou deixando de existir”. Laplane ainda lamenta que “muitas vezes, os principais destaques são para o progresso da ciência fora do Brasil e pouco se fala das conquistas dos nossos cientistas e instituições” (LAPLANE, 2015). Também Helena Nader, presidente da SBPC aponta que:

[..] a nossa ciência está evoluindo e tem produção importantíssima, mas esses resultados não aparecem. Se conseguirmos romper a barreira, fazendo com que as nossas conquistas científicas estejam na grande mídia, teremos cada vez mais jovens sonhando em ser cientistas (NADER, 2015).

Neste sentido, pode-se afirmar que tanto na televisão quanto na mídia impressa, o jornalismo científico não mantém uma prática regular e ocorre em publicações ou veiculações eventuais. Essa divulgação esporádica dá indícios que não é suficiente para que o público possa se familiarizar com a temática e, por isso, sequer lembra de alguma instituição que desenvolve pesquisa no Brasil.

### **As formas culturais e a divulgação científica**

Para entender melhor os efeitos da televisão e, por consequência, do telejornalismo, busca-se em Raymond Williams<sup>5</sup> (2011) informações sobre a importância do avanço cultural que podem ser utilizadas para abordar a prática do jornalismo científico. De acordo com o autor, a televisão foi se desenvolvendo a partir da reconfiguração de diversas ‘formas culturais’, “como o jornal, a reunião pública, a assembleia, a sala de aula, o teatro, o cinema, as atividades desportivas, as colunas de publicidade e os *outdoors*” (WILLIAMS, 2011, p. 63).

O que houve foi a adaptação dessas formas herdadas às novas tecnologias, a partir da história anterior do rádio e outras que ainda seriam geradas. Entre as ‘novas formas’, que seriam o resultado da combinação do desenvolvimento com as formas anteriores, Williams cita a notícia (incluindo o modo de apresentação na TV, oral e visual e as prioridades de assuntos), os debates, a educação, o teatro dramático, os filmes, o teatro de variedades, os esportes, a publicidade e o passatempo (WILLIAMS, 2011, p. 63-96). “Evidentemente a televisão tem dependido em alto grau de formas existentes e a sua principal inovação tem sido a sua extensão que pode ser tanto qualitativa quanto quantitativa” (WILLIAMS, 2011, p. 97).

---

<sup>5</sup> As traduções da obra *Televisión Tecnología y Forma Cultural* de Raymond Williams são da autora deste artigo.

Assim, essas formas vão originando novas práticas a partir de padrões culturais estabelecidos. Porém, é preciso considerar a formação cultural dos divulgadores científicos e, para entender um pouco melhor como ocorre esse processo, busca-se refletir sobre as definições de cultura, assunto complexo em função das 162 conceituações possíveis para esse termo (ALVES, 2014).

Assim, parte-se da proposta de Williams (1969, p. 18), segundo a qual cultura pode ser abordada como um sistema de vida no seu aspecto material, intelectual e espiritual e também representar um modo particular de vida, ou ainda, o produto de um povo. A vida intelectual e a produção artística são outras formas de produzir cultura (WILLIAMS, 1989, p. 25). Porém, bem antes desses conceitos, no século XVIII, cultura representava o crescimento e o cuidado de colheitas e animais, bem como a evolução da mente humana (WILLIAMS, 1977, p. 18).

Outras definições para cultura se referem a costumes, práticas, rituais, ou seja, culturas vivenciadas (WILLIAMS, 1969, p. 249). Sobre o conhecimento popular, o autor afirma que a ‘cultura é de todos’, porque “toda sociedade humana tem sua forma, seus propósitos, seus próprios significados” (WILLIAMS, 1958, p. 1), num processo de dotar “todos os membros de uma sociedade com a totalidade de significados comuns e com as habilidades que lhes permitirão retificar esses significados, através das suas experiências pessoais e comuns” (WILLIAMS, 1958, p. 9).

Alinhado com Williams, Clifford Geertz, no livro ‘A Interpretação das Culturas’ (2008), afirma que a cultura nunca é particular, mas sempre pública “porque o significado o é” (GEERTZ, 2008, p. 9). Um terceiro autor, Terry Eagleton (2011), define cultura como o verso inconsciente cujo anverso é a vida civilizada, as crenças e predileções tomadas como certas, que têm de estar vagamente presentes “para que sejamos, de alguma forma capazes de agir indistintamente”. E complementa, afirmando que cultura “é aquilo que surge instintivamente, algo profundamente arraigado na carne em vez de concebido na mente” (EAGLETON, 2011, p. 46). E quais seriam os reflexos dessas raízes profundas no cotidiano da modernidade, nos programas de televisão, em especial no telejornalismo e no jornalismo científico? Para Eagleton, a cultura e a vida social estão estreitamente aliadas, mas agora na “forma de estética da mercadoria, da espetacularização da política, do consumismo do estilo de vida, da centralidade da imagem e da integração da cultura dentro da produção de mercadorias em geral” (EAGLETON, 2011, p. 48).

---

Diante desses argumentos, entende-se que cultura vai além das crenças e comportamentos, já que de acordo com Eagleton “cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos” (EAGLETON, 2011, p. 184). O autor se refere a sentimentos como afeto, relacionamento, satisfação emocional, prazer intelectual, memória, parentesco, lugar e comunidade, como uma cultura próxima e íntima (EAGLETON, 2011, p. 184). Os dois programas em análise podem ser engajados nas definições de Eagleton, seja no estilo de vida, na busca pela satisfação, pelo belo, pelos exemplos positivos que o *Como Será?* deseja passar a seu público ou pela descrição das pesquisas, sem exageros e nem espetacularização no programa da emissora universitária.

### **As reprises do *Scientia***

O *Scientia* é um dos 13 programas da televisão da Universidade Federal do Paraná e compõe a grade de programação desde 2003. Com duração de aproximadamente 30 minutos semanais, o programa de jornalismo científico da emissora da UFPR é definido pelo diretor, Carlos Aberto Martins da Rocha, à frente da unidade desde 2009, como sendo um documentário inspirado nas produções da *National Geographic* e do *Discovery Channel*<sup>6</sup> (ROCHA, 2015). São divulgadas as pesquisas em andamento na universidade, em grande parte das vezes envolvendo mestrandos e doutorandos. As narrações são intercaladas com depoimentos, sons do ambiente e trilhas sonoras. Como não há cenário, as pesquisas são mostradas em imagens produzidas nos laboratórios e ambientes de trabalho dos cientistas, porém as entrevistas com os pesquisadores, são sempre gravadas no estúdio da emissora com fundo neutro e em plano fechado.

Em função da falta de estrutura e do número insuficiente de profissionais, conforme declarou Rocha (2015), para cada exibição inédita do *Scientia*, verificou-se que são feitas duas, três ou mais reprises com intervalos de um a dois meses. O aumento das rerepresentações, segundo o diretor, em parte ocorreu após ampliação do telejornal *Notícias da UFPR* de uma para três edições semanais. Percebe-se aqui uma sintonia com as declarações já citadas de Cláudio Magalhães (2002, p.49) sobre a adaptação dos

---

<sup>6</sup>A *National Geographic Society* foi criada nos Estados Unidos em 27 de janeiro de 1888 com o objetivo de difundir conhecimentos geográficos através de expedições para posteriores publicações em revistas. É uma das maiores instituições científicas e educacionais sem fins lucrativos do mundo. Tem interesse nas áreas de geografia, arqueologia, ciências naturais, bem como promover a conservação ambiental e histórica. (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2015). *Discovery Channel* é um canal de televisão a cabo, com a missão de apresentar documentários e programas educativos sobre ciência, tecnologia, história, meio ambiente e geografia. Foi lançado nos Estados Unidos em 1984 e, em 1994, no Brasil, oferecendo documentários em português. (DISCOVERY, 2016).

modelos da televisão comercial nas emissoras educativas, priorizando os temas factuais, em detrimento dos produtos jornalísticos que demandam pesquisa e tempo de produção.

### **Ciência reduzida, entretenimento ampliado no *Como Será?***

O outro programa analisado, o *Como Será?* foi realizado com base na avaliação empírica de 15 edições, por meio da visualização em fluxo. De acordo com Williams (2011, p. 115), “em todos os sistemas de radiodifusão desenvolvidos, a organização característica e, portanto, a característica da experiência, é uma sequência ou fluxo”. O autor entende também que este fenômeno do fluxo planejado provavelmente seja a característica que define a teledifusão, como uma tecnologia e como uma forma cultural.

Para iniciar a reflexão sobre como os assuntos de uma forma geral, inclusive os científicos, são trabalhados e posteriormente apresentados ao público no *Como Será?* optou-se por reproduzir uma citação de Muniz Sodré (2001) ao analisar a forma da notícia e a tendência que considera como sendo “transnacional” de transformar o jornalismo audiovisual em seções de entretenimento (SODRÉ, 2001, p. 149). Para Sodré:

[...] é viável a hipótese de que essa teatralização jornalística do mundo se deva ao fato de que as palavras venham perdendo na contemporaneidade o seu poder de referência e que por outro lado, os acontecimentos já não possam mais ser apresentados pelo jornalismo como um ponto de interseção entre um fato real e a informação. Excitam-se, como na histeria, as virtualidades imaginárias do fato; palavras e acontecimentos multiplicam-se, inflacionam-se eletronicamente até um estado de redundância, comparável à metástase celular, que danifica o sentido do sistema (SODRÉ, 2001, p. 150).

Tal qual afirma o autor, o *Como Será?* busca chamar a atenção da audiência, adotando formas dramatizadas para explicar as notícias, transformando os fatos em eventos, porém realizando comparações com situações do cotidiano, o que tornaria a informação mais próxima do público.

Neste sentido, Sodré afirma que “já pode-se falar em compulsão coletiva para o *show*” (SODRÉ, 2001, p. 149). A reflexão se torna ainda mais profunda quando o autor diz que esta prática já passa a ser vista como uma “doença” em que “as tradicionais notícias do dia transformam-se, aos poucos, em *shows* do dia, onde até mesmo o sofrimento do outro, é produzido como espetáculo” (SODRÉ, 2001, p. 150). Diante das afirmações de Sodré, é possível ponderar que os jornalistas de TV, na preocupação de abordar os assuntos de forma diferenciada dos veículos impressos e *on line*, tendem ao



exagero, convertendo um padrão informativo para modelo de entretenimento. Cada veículo adapta as informações de acordo com seu espaço e seus interesses. Essas interações significam que estamos criando a cultura participativa, porque:

[...] o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24).

A TV, na visão de Jesús Martin-Barbero (2015), faz uma ligação entre a realidade cotidiana e o espetáculo ficcional, muitas vezes cômico, influência não apenas do teatro dramático, mas também do circo (2015, p. 314). Compara o apresentador de telejornal ou revista eletrônica a um personagem retirado desse tipo de espetáculo popular, que teria dado origem à coloquialidade (2015, p. 296) amplamente defendida na TV. Segundo Martin-Barbero, o circo se tornou popular por apresentar uma lógica de contrastes, entre o sério, o drama e o burlesco, o ilusório e o real e entre o falso e o verdadeiro (MARTIN-BARBERO, 2015, p. 314). Destaca, ainda, “que na televisão a visão predominante é aquela que produz a sensação de imediatez, um dos traços que dão forma ao cotidiano” (MARTIN-BARBERO, 2015, p. 297). O que vemos é que enquanto Williams (2011) apresenta o teatro dramático como uma das formas culturais da televisão, Martin-Barbero (2015) considera que a TV assume um caráter popular e familiar semelhante às atrações de circo, futebol de bairro ou festas de aniversário (MARTIN-BARBERO, 2015, p. 314).

### **As diferenças**

Já se sabia no início da investigação que os programas em questão apresentavam variações na forma de conduzir as reportagens científicas, em função do formato das produções (documentário e revista eletrônica), porém três pontos chamaram a atenção: (1) a espetacularização; (2) aproveitamento de reportagens produzidas no exterior e em emissoras regionais no *Como Será?*; (3) o número de reprises no *Scientia*. Nos quatro meses das observações empíricas, das 17 edições do programa da TV da UFPR exibidas em dezembro de 2014, fevereiro, abril e junho de 2015, apenas cinco eram produções inéditas e também foram repetidas nos meses subsequentes. *O Como Será?* reapresentou duas reportagens que tinham sido exibidas meses antes, porém a diferença entre a prática desenvolvida em relação à emissora da UFPR é que a audiência é informada, através de

uma legenda inserida nas imagens, da data da exibição original, enquanto que a produção do *Scientia* não faz nenhuma referência às apresentações prévias, de maneira que o telespectador que não assistiu a edição anterior entende como sendo uma produção nova.

Quanto ao que denominamos de reaproveitamento de reportagens no *Como Será?*, dos 43 assuntos considerados como sendo de jornalismo científico nos meses avaliados, 19 reportagens foram produzidas por jornalistas das emissoras afiliadas da Rede Globo, sugerindo que já tinham sido exibidas em telejornais locais, ou nos de rede nacional. A prática de veicular produções regionais é utilizada em todos os telejornais da Rede Globo, mas geralmente a estreia ocorre nos programas nacionais e só após essa veiculação as reportagens são reprisadas pelas emissoras afiliadas; mas no caso do *Como Será?* verificou-se o oposto.

Sobre a narrativa espetacularizada na TV comercial, há situações em que a construção da notícia como um ‘drama informativo’ ganha o tom emocional mais grave do que as pesquisas parecem indicar, garantindo o apelo do espetáculo noticioso. Como exemplo pode ser citada a reportagem sobre o aumento da temperatura, em que o contexto jornalístico apontava para uma situação catastrófica, que segundos depois era amenizada pelo especialista em clima e meio ambiente ouvido pelos jornalistas (*Como Será?* 2015).

Em 1997, Eugênio Bucci já mencionava a presença do ‘melodrama’ na televisão brasileira e afirmava que “ao jornalismo não basta informar. Ele precisa surpreender, assustar. Os produtos jornalísticos são produtos culturais e, nesta condição, fazem o seu próprio espetáculo para a plateia, como se fossem produtos de puro entretenimento” (BUCCI, 1997, p. 29). Para Bucci, a dramatização das palavras e das imagens é inevitável ao telejornalismo (1997, p. 59). Antes ainda, em 1984, Décio Pignatari já refletia sobre a notícia interpretada na TV e alertava para o perigo da representação de trivialidades, chamando também a atenção para a necessidade de manter os elementos fundamentais da informação no telejornalismo: síntese, precisão e clareza (PIGNATARI, 1984, p. 113-114).

Partindo dos comentários de Décio Pignatari, Eugênio Bucci, Muniz Sodré, é possível perceber que a narrativa utilizada no *Como Será?* não apresenta estilo inovador (o *Globo Ciência*, programa anterior, teve atores na apresentação em diversas fases); entretanto, amplia o espetáculo do telejornalismo dos tempos pós-modernos, particularmente influenciada pelo uso das diversas tecnologias e pela proliferação de conteúdos informativos nas mídias sociais. Os novos hábitos que estão sendo gerados, ao

mesmo tempo que modificam o processo de consumir informação, alteram o modo de ‘fazer’ televisão (JENKINS, 2009, p. 42), desde a construção do texto, o estilo das narrativas, até a apresentação das notícias em um tom cada vez mais informal. Esse estilo pode representar a “transição e transformação no modo como os meios de comunicação operam” (JENKINS, 2009, p. 50).

Entende-se como relevante destacar ainda que, após o fim do *Globo Ciência*, a televisão aberta brasileira (ao menos a Rede Globo) parece ter reduzido a prática do jornalismo científico, na medida em que os assuntos de ciência passaram a ser veiculados pelo *Como Será?* da mesma maneira como são veiculados nos telejornais: aleatória e eventual, quando apresentam curiosidades ou resultados de impacto e passam a ser considerados pelas equipes de jornalistas como sendo de interesse público. A forma de divulgar ciência dá ênfase ao entretenimento e pode ser apontada como um modelo de apresentar notícias na televisão aberta na contemporaneidade. Mesmo assim, ao responder em que medida o programa veicula jornalismo científico, pode-se afirmar que há assuntos de ciência sendo exibidos, ainda que em forma de espetáculo e com frequência reduzida, já que, em duas das edições analisadas, não foi veiculado nenhum assunto científico.

O outro programa pesquisado o *Scientia*, da emissora da Universidade Federal do Paraná, trabalha com assuntos de jornalismo científico de forma oposta ao do *Como Será?*, sem dramatização, a ponto de o repórter nem sequer aparecer no vídeo. Na maior parte dos programas estudados, há uma linearidade na entonação da narrativa, sem que se perceba ênfase em termos técnicos ou que se queira chamar a atenção da audiência para uma determinada informação. Os depoimentos dos pesquisadores seguem um mesmo formato, o de explicar sem a velocidade que a TV geralmente exige e discorrem com calma sobre o andamento e as etapas dos seus estudos.

Como ficou evidente, desde o início desta pesquisa, que o jornalismo científico não seria o foco central do programa *Como Será?*, é possível deduzir que a divulgação da ciência paradoxalmente também não parece ser necessariamente prioridade na emissora da UFPR. A afirmação é justificada pelo grande número de reapresentações. Tal prática expõe pouca organização interna e a necessidade de maior atenção não só da direção da emissora, como da reitoria da Universidade. O *Scientia* pode ser considerado como uma maneira de prestar contas à sociedade dos investimentos públicos em ciência

---

na instituição, e quanto mais estudos forem apresentados, melhor tende a ser a imagem da Universidade como centro produtor de ciência.

Percebeu-se também que parece não haver ênfase em relação a aspectos de interatividade no programa da UFPR, além de sua baixa presença nas mídias sociais. Quanto ao modo de apresentar as pesquisas, as edições avaliadas mostraram um jornalismo tradicional, baseado na informação, com linguagem coloquial, mas também se utilizando de exemplos e situações comuns para explicar as questões técnicas e, assim, popularizar a temática.

### **Considerações finais**

Realizando um comparativo entre os dois programas, entende-se que o *Scientia* da UFPR realiza jornalismo científico, ainda que tenha pouca produção e um sistema de trabalho que demande mais tempo para finalizar as reportagens em comparação com o método das televisões comerciais, já que as gravações das entrevistas e imagens não são simultâneas. Os depoimentos dos pesquisadores, distantes dos seus ambientes de trabalho, de certa forma, contribuem para que as produções afastem também o jornalismo da realidade (do cotidiano) da pesquisa, tornando os programas lentos e monótonos. Acredita-se que as explicações dos cientistas junto dos seus laboratórios e produtos que pesquisam tornariam o *Scientia* mais dinâmico e atraente não apenas na TV, como também na *web*. Nesta plataforma, as visualizações dos programas estudados foram inexpressivas, sugerindo que não atraem o público de *Internet*.

Na outra ponta, a da TV aberta, o *Como Será?* divulga pesquisas científicas mescladas com temáticas variadas, seguindo a tendência da realidade social do mundo contemporâneo, em que os fatos são jornalisticamente interpretados. Assim, entende-se que o jornalismo científico na TV aberta assume um caráter de entretenimento ainda mais acentuado do que grande parte do telejornalismo, o que aparentemente afasta os jornalistas da redação especializada e os aproxima do jornalismo popular.

Utilizando método de tabulação de resultados semelhante ao adotado por Raymond Williams ao estudar a grade de programas educativos e os relacionados com educação, universidades e institutos de pesquisa em cinco emissoras de TV (americanas e do Reino Unido), na década de 1970, apresenta-se a seguir uma comparação do tempo de divulgação científica entre a televisão da Universidade Federal do Paraná e a Rede

Globo. Os programas *Como Será?* e *Scientia* têm pouca variação de tempo de divulgação científica quando se considera apenas as reportagens inéditas durante os estudo empírico (em torno de duas horas), como mostra o quadro abaixo.

	<i>COMO SERÁ?</i>	<i>SCIENTIA</i>
TEMPO TOTAL DOS PROGRAMAS	30h00 (1800 minutos)	08h50m (530 minutos)
REPORTAGENS CIENTÍFICAS INÉDITAS	<b>02h04m</b> <b>(124 min = 6,8%)</b>	<b>02h30m</b> <b>(150min = 28,3%)</b>
REPORTAGENS CIENTÍFICAS INCLUINDO REPRISES	03h30m	08h50m

Quadro elaborado pela autora, 2016

Ainda que haja variação percentual significativa, o tempo médio de exposição semanal é próximo. Considerando a audiência da emissora comercial (mesmo observando que o horário de veiculação do programa é de baixa audiência), parece que a Rede Globo ainda divulga conteúdo científico a um público maior que a emissora da Universidade.

Vale observar ainda que o jornalismo científico ganhou destaque em 2015 após o aumento, no Brasil, dos casos de recém nascidos com microcefalia (cérebro menor do que o tamanho normal), e a provável relação deste aumento com um vírus transmitido pelo mosquito '*Aedes aegypti*', levaram a mídia, incluindo a televisão, a intensificar reportagens e entrevistas com pesquisadores em busca informações sobre as causas, métodos de prevenção, tratamentos, além da produção de vacinas, de modo que o jornalismo científico foi uma prática mais constante. Na TV aberta tipicamente todos os jornais da Rede Globo abordaram o tema diariamente, porém já em meados de 2016 o assunto passou a ser mais raro nos noticiários e verificou-se que poucas reportagens sobre o assunto foram veiculadas a partir daí sobre o assunto.

Tomando como referência as formas culturais propostas por Williams (2011), é possível concluir que o jornalismo científico do século XXI ainda necessita de desenvolvimento cultural que possa tornar a divulgação científica uma prática sistemática. De toda a forma, o caráter “em processo” (em constante redefinição) da cultura deve contribuir para esse desenvolvimento. Assim, pode-se entender que novas formas culturais estão sendo geradas (ainda que os atores sociais envolvidos,

individualmente não se deem conta disso), a princípio influenciadas pela expansão e pelo modelo de comunicação das mídias sociais, associadas à prática da televisão em trabalhar a informação como um produto de entretenimento.

## Referências

- ALVES, Leonardo. *Ensaios e Notas*, 2004. Disponível em:  
<[ensaiosnotas.wordpress.com/2014/10/08/1076/](http://ensaiosnotas.wordpress.com/2014/10/08/1076/)> Acesso em 01/11/15.
- ABRAMCZYK, Júlio. *Médico e Repórter: meio século de jornalismo científico*. Publifolha, São Paulo, 2012.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.
- BUENO, Wilson da Costa. *Os interesses por trás das notícias de ciência*. Fiocruz, 2008. Disponível em:  
<<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=364&sid=31>>  
> Acesso em 14/10/2015
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo Científico: conceitos e funções*. Revista Ciência e Cultura (UFSC), 1985. Disponível em: <<http://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%3%ADfco-conceito-e-fun%3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em 23/10/2015.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- COMO SERÁ? (2015). *Principais causas do aquecimento global*. Vídeo exibido em 28/02/2015. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/v/3998468/>>. Acesso em: 10/01/2016t.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia no Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora- MG*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2012
- EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. São Paulo, Unesp, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HERNANDO, Calvo Manuel. *Periodismo Científico. Chile: Comunicación Y Medios*. Nº 4, 1984.
- JENKINS, Henry. *A Cultura da Convergência*. Tradução de Suzana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da Conexão*. Tradução de Suzana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- LAPLANE, Mariano. *MCTI lança estudo sobre a percepção pública da ciência*, 2015. Disponível em: <[http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset\\_publisher/lqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t;jsessionid=AA9B656A84CD42DA2776D4D9682EB184](http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset_publisher/lqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t;jsessionid=AA9B656A84CD42DA2776D4D9682EB184)> Acesso em 25/07/2015.

---

MAGALHÃES, Claudio. *Manual para uma TV Universitária*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002

MCTI (Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações). *Mcti lança estudo sobre percepção pública de C&T*. Brasília, 2015. Disponível em:  
<[http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset\\_publisher/IqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t](http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset_publisher/IqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t)> Acesso em 24/07/2015.

MASSARANI, Luisa.[et al.]. *Guia da Divulgação Científica*. Brasília: Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, [1987], 2015.

MEDINA, Cremilda. *Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade*. In Comunicação & Política, São Paulo, v.9, 1990.

NADER, Helena. *MCTI lança estudo sobre a percepção pública da ciência, 2015*. Disponível em:  
<[http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset\\_publisher/IqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t;jsessionid=AA9B656A84CD42DA2776D4D9682EB184](http://www.mcti.gov.br/noticias/-/asset_publisher/IqV53KMvD5rY/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t;jsessionid=AA9B656A84CD42DA2776D4D9682EB184)>  
Acesso em 25/07/2015.

ROCHA, Carlos Alberto Martins da. *Diretor da UFPR TV*. Entrevista presencial concedida verbalmente à Maria de Lurdes Welter Pereira em 26/02/2015.

PIGNATARI, Décio. *Signagem da Televisão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura*. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *Divulgação Científica e Tecnologias da Informação e Comunicação*. Santa Maria: FACOS, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*: São Paulo: Companhia Editora Nacional [1969], 2007.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar [1971],1977.

\_\_\_\_\_. *Culture is ordinary [1958]*. In: *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. Londres: Verso, 1989. Tradução Maria Elisa Cevalco, USP.

\_\_\_\_\_. *Televisión Tecnología y Forma Cultural*. Buenos Aires: Paidós [1974], 2011.